

Conhecendo as vivências de amamentação da criança brasileira que frequenta o ensino fundamental¹

Knowing the breastfeeding experiences of Brazilian children that attend elementary school

Conociendo las experiencias de lactancia materna de los niños brasileños que frecuentan la escuela primaria

Dulce Maria Pereira Garcia Galvão^I, Isilia Aparecida Silva^{II}

RESUMO

Estudo descritivo, transversal, cujo objetivo foi conhecer experiências com o processo de amamentação por crianças brasileiras que cursam 4º e 5º anos do Ensino Fundamental. Pesquisa realizada entre setembro/2010 e fevereiro/2011, com 1800 crianças brasileiras de escolas públicas de três municípios do interior Paulista, utilizando-se questionário. Embora a maioria (90,2%) soubesse ter sido amamentada, nem sempre as famílias brasileiras aproveitam momentos de convivência para mostrar a amamentação de forma natural às crianças, e o uso de chupeta é uma prática enraizada nessa cultura. Nas brincadeiras as crianças incorporam utensílios que estimulam a alimentação artificial e ainda manifestaram não gostar de passar na rua e ver mulheres amamentando. Nem todas as crianças sabiam que leite materno é o melhor alimento para bebês, tem falsos conceitos sobre o assunto e grande desconhecimento sobre vantagens da amamentação. Os resultados sugerem que implementar medidas educativas e promotoras da amamentação junto das crianças é urgente.

Descritores: Aleitamento materno; Criança; Conhecimento; Atitude; Promoção da Saúde.

ABSTRACT

This is a cross-sectional study that aims to know about the experiences of breastfeeding, from Brazilian children studying the 4^o and 5^o grade of elementary school. Research developed from September/2010 to February/2011, with 1800 Brazilian children in public schools of three cities in Sao Paulo state, using a questionnaire. Although mostly (90,2%) knew that has been breastfed, not all Brazilian families enjoy moments of coexistence to show breastfeeding as natural for children, and the use of pacifier is cultural. When the children plays, they incorporate tools that stimulate feeding and even express dislike when women breastfeed on public places. Not all the children knew that breast milk is the best food for babies, and have misconceptions about it and its advantages. The results suggest that it is urgently needed to implementation of educational breastfeeding promotion policies.

Descriptors: Breastfeeding; Child; Knowledge; Attitude; Health promotion.

RESUMEN

Estudio descriptivo, transversal, cuyo objetivo fue conocer experiencias con el proceso de amamantamiento por medio de niños brasileños cursando el 4º y 5º grado de Educación Fundamental. Investigación desarrollada de setiembre/2010 y hebrero/2011, con 1800 niños brasileños en escuelas públicas de la provincia de São Paulo, utilizándose un cuestionario. Aunque la mayor parte (90,2%) sabía que fuera amamantada, no todas las familias disfrutaron momentos de convivio para mostrar la lactancia como algo natural a los niños y el uso de la chupete es una práctica arraigada en esta cultura. En los juegos, los niños incorporan herramientas que estimulan la alimentación artificial y también manifestaran que no gustan ver las mujeres amamantando en Lacalle. No todos los niños sabían que el leche materno es el mejor alimento para los bebés, tienen conceptos erróneos acerca de esto asunto e ignorancia generalizada sobre las ventajas de la lactancia materna. Los resultados sugieren implementación urgente de medidas educativas y de promoción de la lactancia entre los niños.

Descriptores: Lactancia materna; Niño; Conocimiento; Actitud; Promoción de la salud.

¹ Parte do estudo "Experiências de amamentação de crianças Brasileiras: estudo com alunos que frequentam escolas de Ensino Fundamental de cidades do interior paulista" desenvolvido no Programa de Pós-Doutorado em Enfermagem, Escola de Enfermagem (EE) da Universidade de São Paulo (USP).

^I Enfermeira, Doutora em Enfermagem, Discente do Programa de Pós-Doutorado em Enfermagem, EE, USP. Professora Coordenadora, Escola Superior de Enfermagem de Coimbra. Coimbra, Portugal. E-mail: dgalvao@esenfc.pt.

^{II} Enfermeira, Doutora em Enfermagem, Livre-docente. Professora Titular, EE, USP. São Paulo, SP, Brasil. E-mail: isasilva@usp.br.

INTRODUÇÃO

Ao longo da história as mulheres sempre amamentaram os seus filhos com diferentes resultados consoante à época ou situação cultural, todavia podemos afirmar que o aleitamento materno tem sido sujeito a modismos. Primeiro, de um fato natural e inquestionável tornou-se algo absurdo e desprezível para as mulheres de classes sociais elevadas, ou que a elas aspirassem⁽¹⁾.

Atualmente, verifica-se em nível mundial que a prática da amamentação está muito longe de corresponder ao preconizado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), que recomenda a amamentação exclusiva desde o nascimento até aos seis meses de idade da criança e a sua manutenção com alimentos complementares até aos dois anos de idade ou mais⁽¹⁾. Cresce assim a necessidade de uma efetiva promoção, o que implica a adoção de políticas promocionais e de programas sensíveis aos diversos fatores que podem ajudar ou impedir uma mãe nos seus esforços para amamentar⁽²⁾.

Em países da Europa como Portugal, apesar da existência de algumas medidas de promoção da amamentação, quer junto dos profissionais de saúde, quer junto da comunidade, a prevalência do aleitamento materno não é satisfatória. Embora nos primeiros dias de vida sua incidência seja muito alta (95%) sofre uma redução muito rápida para atingir os 50% ao mês de idade pelo que, as prioridades devem ser direcionadas não só para a promoção do aleitamento materno mas, sobretudo, para a implementação de medidas tendentes a aumentar sua duração, à mudança de valores, e consequentemente de comportamentos, dos vários grupos de uma população, nomeadamente profissionais de saúde, crianças, jovens e grávidas⁽²⁾.

As experiências e a educação da mulher desde a mais tenra idade influenciarão suas atitudes e desempenho posteriores em relação ao aleitamento. Assim, a própria experiência de ter sido uma filha amamentada e ver regularmente outras mulheres amamentando, especialmente na mesma família ou grupo social, é um dos numerosos modos por meio dos quais meninas, adolescentes e mulheres jovens podem desenvolver atitudes positivas em relação à amamentação⁽²⁾. A decisão da mulher em amamentar está ligada tanto a sua história de vida como a aspectos emocionais, familiares, sociais, culturais e económicos⁽³⁾.

No Brasil, em 1999, a prevalência do aleitamento materno era de 87%, 77%, 69%, e 35% para crianças com 30, 120, 180 e 365 dias de vida, e a prevalência do

aleitamento materno exclusivo, nas capitais brasileiras, aos 30, 120 e aos 180 dias era de 47%, 18% e 8% das lactantes⁽⁴⁾. Os dados apresentados na II Pesquisa de Prevalência de Aleitamento Materno nas Capitais Brasileiras e Distrito Federal⁽⁵⁾ mostram que de 1999 para 2008 "(...) a duração mediana aumentou um mês e meio, passando de 295,9 dias para 341,6 dias, além de que, desde que se procedeu à implementação do Programa Nacional de Incentivo ao Aleitamento Materno, no início da década de 1980, se verificaram aumentos dos índices de aleitamento materno⁽⁵⁾.

Em estudo recente⁽⁶⁾ foi constatado que a maioria das crianças portuguesas não tem experiências com amamentação, seja no ambiente público ou privado.

Considerando, que o Brasil é um país que tem legislação específica e programas destinados ao incentivo, promoção e apoio ao aleitamento materno, nos suscitou o questionamento de como se dá a experiência de crianças brasileiras no que tange o seu cotidiano presenciando ou não cenas de amamentação convivendo com mulheres da família ou amigas.

A sociedade brasileira oferece grande riqueza de estudos sobre o processo de incentivo e promoção do aleitamento demonstrável, não só pela diversidade de entidades e especialistas existentes, e igualmente sobre a implementação de diferentes práticas promocionais. Todavia a carência de estudos centrados sobre a criança e o que ela sabe, pensa, conhece, aprende ou tem vivenciado sobre amamentação motivou-nos para o estudo deste grupo importante no processo de proteção, promoção e suporte da amamentação.

Entende-se que o conhecimento sobre estes aspectos permitirá contribuir de forma sustentada o despertar para a necessidade de implementação de medidas promotoras da amamentação desde a infância e, assim, contribuir para a proteção, promoção e suporte da amamentação, considerando-a como uma prioridade de saúde pública. Neste sentido, realizamos um estudo com objetivo de conhecer experiências com o processo de amamentação de crianças brasileiras que cursam o 4º e 5º anos do Ensino Fundamental.

MATERIAL E MÉTODOS

O estudo, descritivo e transversal, foi realizado junto de crianças que frequentavam escolas públicas do Ensino Fundamental em cidades de três Municípios do interior Paulista.

Para apresentação do estudo e pedido formal da sua realização foi estabelecido contato escrito, telefônico e

pessoal com os Dirigentes de Ensino, Diretores, Coordenadores e Professores das Escolas destas Regiões, por meio do qual obtivemos autorização. Foram convidadas a participar no estudo um total de 3890 crianças regularmente matriculadas no 4º e 5º anos do ensino fundamental de 25 escolas Estaduais e Municipais das referidas regiões. Desse total, 1800 estudantes participaram efetivamente do estudo.

Para que as crianças participassem no estudo foi solicitado aos professores que entregassem a cada criança para levarem aos pais o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE em 2 vias sendo, uma cópia de apresentação do projeto aos pais onde se explicava o tema do estudo e as questões que seriam exploradas junto às crianças e uma cópia do Termo de Assentimento que as crianças teriam em mãos na sala de aula no momento da autoaplicação do questionário e o questionário a ser respondido por elas.

Solicitamos também aos professores que explicassem às crianças que os seus pais teriam de ler os documentos, que tinham todas as orientações sobre a pesquisa, e de assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, caso consentissem na participação da criança, e os devolver por meio das crianças para a professora ou à diretoria da escola. Os professores recolheram o documento e só após esse momento a coleta de dados teve início.

O questionário foi pré-testado junto de crianças que reuniam as mesmas características que a amostra em estudo, constituído na maioria por questões fechadas, mas que incluía, também, perguntas abertas e algumas mistas. Este permitiu colher dados sócio-demográficos da criança e respostas a algumas questões que orientaram toda a pesquisa, nomeadamente: Será que os meninos/meninas sabem se foram amamentados? É habitual as crianças verem as mães amamentarem? As mensagens que transmitimos às crianças são favorecedoras da amamentação? Os meios de comunicação social e os seus livros de estudo e de histórias transmitem-lhes uma cultura da amamentação? O que as crianças aprendem sobre amamentação nas escolas? Os brinquedos que se oferecem às crianças são favorecedores desta prática? Qual a atitude da criança face à amamentação?

A aplicação dos questionários, que tomou cerca de 20 a 30 minutos de tempo para preenchimento, decorreu entre os meses de setembro e novembro de 2010, aconteceu na própria sala de aula durante o horário

escolar, em dia e horário favorável, tendo em conta a melhor disponibilidade dos alunos e professores.

Permaneceram na sala de aula apenas os alunos cujos pais consentiram que participassem e que elas próprias se disponibilizaram em participar da pesquisa, assinando para tal o Termo de Assentimento. A cada criança foi feito o agradecimento da pesquisadora no próprio questionário.

As informações coletadas foram inseridas em banco de dados e tratadas estatisticamente por meio do programa Statistical Package for the Social Science (SPSS) versão 18.0. O tratamento estatístico de toda a informação foi realizado pela própria investigadora que recorreu ao cálculo de frequências absolutas e percentuais e medidas estatísticas descritivas tendo em conta a natureza das variáveis em estudo.

O Projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo Processo nº 961/2010/CEP – EEUSP.

RESULTADOS

Os dados foram colhidos numa amostra de 1800 crianças com idade que oscilou entre os seis e os 15 anos sendo que a média foi de 9,79 anos e o desvio padrão de 0,927, majoritariamente, 749 (41,6%), que são residentes num bairro específico de cada uma das três cidades onde se coletou os dados e com ligeiro predomínio do sexo feminino, 929 (51,6%).

Sabiam ter sido amamentadas, 1624 (90,2%) crianças, 1362 (83,9%) souberam-no antes de terem tido conhecimento da realização do estudo. Das 1624 crianças amamentadas 1031 (63,5%) sabiam até que idade a amamentação decorreu afirmando ter acontecido entre os zero e os 72 meses. A média do tempo de amamentação foi de 11,37 meses.

Majoritariamente tinham irmãos, 1517 (84,3%) crianças, e destas 926 (61,0%) tinham irmãos mais novos. No entanto, foi pequeno o número que viu a mãe dar mama aos irmãos, apenas 677 (44,6%), que estava ao pé da mãe quando esta amamentava os irmãos, somente 524 (34,6%), ou que referiu que o pai por vezes estava ao pé da mãe quando amamentava os irmãos, apenas 581 (38,3%). Foi elevado o número de crianças 1289 (85,0%) que sabia que os seus irmãos tinham sido amamentados.

Mais de metade dos irmãos usaram ou usavam chupeta, 848 (55,9%), e majoritariamente as próprias crianças do estudo fizeram uso deste artefato, 1117 (62,1%).

Grande número, 1305 (72,5%), vê familiares e amigas amamentarem seus bebês, 1155 (64,2%) vê mulheres a amamentar quando passam na rua ou em algum jardim ou praça e 1290 (71,7%) quando contatam com os serviços de saúde recebem elementos favorecedores da amamentação. O modo que mais frequentemente vêem as mães a alimentarem os filhos repartiu-se entre "pela mama e pela mamadeira" e "pela mama" com, respectivamente, 711 (39,5%) e 669 (37,2%) respostas.

Na escola que frequentam, para 1510 (83,9%) crianças não existe qualquer desenho, fotografia ou cartaz com uma mãe a amamentar mas, a 864 (48,0%) falaram sobre as mães darem leite das suas mamas aos seus bebês e a 675 (78,1%) destas crianças foi "Antes de saber que iam fazer este trabalho". O/A professor(a) foi a pessoa que em maior número foi mencionada como autora deste processo educativo.

Um total de 1415 (78,6%) crianças viu na televisão e 503 (28,0%) ouviu um programa no rádio onde se falasse sobre as mães amamentarem os seus filhos. As crianças brincam majoritariamente com bonecas que têm mamadeira, 1326 (73,7%), têm chupeta, 1337 (74,3%), e que não dão mama, 1164 (64,7%).

Os desenhos animados que habitualmente vêem não têm bonecas a dar mama, 1020 (56,7%), assim como os próprios livros, 1195 (66,4%) mas, estes últimos, também não têm bonecas com mamadeira, 1086 (60,3%).

Na maioria, 1160 (64,5%), não falam com os colegas ou amigos sobre as mães darem mama aos bebês, mas grande número, 1246 (69,2%) quando brinca com as bonecas finge dar de mamar embora, destes, 819 (65,7%), ao brincar alimentem as suas bonecas com a mamadeira.

Em casa falaram a sensivelmente metade das crianças, 978 (54,3%), sobre as mães darem leite das suas mamas aos seus bebês, sendo que a 854 (87,3%) destas foi "Antes de saber que iam fazer este trabalho". A mãe foi a pessoa que em maior número lhes falou de amamentação em casa. O pai associado à mãe e a outros familiares também foi referido por algumas crianças. É de realçar a importância que assumem os tios como agentes de promoção da amamentação junto das crianças que participaram no estudo.

Do total das crianças participantes do estudo 1505 (83,6%) informaram saber o que era amamentar. Destas, 659 (43,7%) referiram ser "Dar leite ao bebê" não especificando o tipo de leite administrado à criança.

"Dar mama ao bebê" foi a resposta que de seguida se obteve, 444 (29,5%). Um total de 180 crianças, (11,9%), respondeu ser "Dar leite da mama da mãe ao bebê".

Observamos também que, embora em pequeno número, houve crianças que focaram aspectos importantes da amamentação nomeadamente: "é natural", "fornecer alimento saudável ao bebê", "é muito importante porque torna as crianças mais saudáveis", "dar leite da mama ao bebê que é o melhor", "dar carinho e dar mama ao bebê", "proteger as crianças de doenças" e "satisfazer as necessidades do bebê".

Em contrapartida, verificamos que há crianças que possuem conceitos muito equivocados sobre o que é amamentar, identificados por expressões como: "Dar uma comida", "Dar Chupeta ou uma comida", "Dar leite e chupeta", "Dar mamadeira", "Dar leite de vaca", "Dar mama ao bebê ou leite da mamadeira", "Tirar leite da mama para dar ao bebê", "É bom como o leite de vaca" e "É difícil".

A maioria (1458, 81,0%) referiu que gostaria mais tarde de amamentar e grande número (1102, 61,2%) não teria vergonha de amamentar em público, mas 835 (46,4%) não gostam de passar na rua e verem uma senhora a dar mama ao bebê. Um total de 1468 (81,5%) considera que o leite materno é o melhor para alimentar um bebê.

Para 1475 (81,9%) e 1300 (72,2 %) das crianças amamentar é, respectivamente, "Bom" e "É melhor para o bebê". Para mais de metade "Aproxima a mãe do bebê" (1025, 56,9%), e grande número é de opinião que é "Mais fácil" (770, 42,8%), "É melhor para a mãe" (724, 40,2%) e "Mais barato" (660, 36,7%).

A noção de que ao amamentar "A mãe fica com as mamas caídas" (269, 14,9%) e "A mãe perde muito tempo" (180, 10,0%) também faz parte do imaginário das crianças do estudo.

DISCUSSÃO

Partindo-se de uma população de 3890 crianças surpreendentemente a amostra estudada (1800 crianças) foi inferior a metade do total das crianças que frequentavam o 4º e 5º anos de escolaridade. Acreditamos que essa ocorrência se deveu por um lado ao fato de algumas crianças constarem como matriculadas nestas instituições escolares mas efetivamente não ser aí o local de ensino/aprendizagem que frequentavam, por as crianças não se encontrarem presentes no dia em que os questionários foram

aplicados ou ainda pela elevada falta de adesão dos pais/encarregados de educação à participação dos seus educandos no estudo, situação que parece ser frequente no contexto onde a pesquisa se desenvolveu.

Outro aspeto que gerou surpresa foi o domínio de oscilação das idades das crianças, 6-15 anos. Atendendo ao documento "Ensino Fundamental de Nove Anos: passo a passo do processo de implantação"⁽⁷⁾, era esperado que encontrássemos crianças com nove e dez anos frequentando os anos de escolaridade estudados.

Constituindo para nós dúvida se as crianças do estudo sabiam como foram alimentadas nos primeiros meses de vida e em caso afirmativo quando o souberam e até que idade, questionamo-las acerca destes aspectos. Os resultados encontrados coincidem com outros desenvolvidos no Brasil⁽⁸⁻¹⁰⁾. Estes⁽⁸⁻¹⁰⁾ haviam verificado que a maioria das crianças que estudaram tinha sido amamentada. No recente estudo realizado com crianças portuguesas também foi verificado que elevado número sabia ter sido amamentada⁽⁶⁾. Todavia nessas crianças o tempo de amamentação⁽⁶⁾ foi em média inferior ao das crianças brasileiras que também não seguiram a tendência observada no país. Observando a média de idade das crianças estudadas e as maiores frequências absolutas de (9, 10 e 11 anos) verificamos que estas nasceram majoritariamente em 1999, 2000 e 2001. Face às afirmações anteriores pensamos que em termos medianos seriam crianças que teriam tempo de amamentação iguais ou superiores a 296 dias. Esses dados diferem dos resultados da II Pesquisa de Prevalência de Aleitamento Materno nas Capitais Brasileiras e Distrito Federal⁽⁵⁾ que aponta que de 1999 para 2008 "(...) a duração mediana aumentou um mês e meio, *passando de 295,9 dias para 341,6 dias.*"

No entanto, independente do tempo de amamentação, tendo presente que a própria experiência de ter sido uma filha amamentada⁽²⁾ influencia a futura atitude como mãe, consideramos que será uma influência positiva que as crianças do estudo terão na sua futura decisão de amamentar.

Embora o Brasil ao longo dos tempos tenha sofrido profundas alterações relativas aos aspectos da natalidade e da fecundidade⁽¹¹⁻¹²⁾ e que a média de filhos por mulher é de 2,38⁽¹²⁾, ressaltamos o fato da maioria das crianças do estudo tinham irmãos. Também em Portugal embora haja a percepção que cada vez mais existem crianças filhas únicas, estudo desenvolvido⁽⁶⁾ mostra, à semelhança dos resultados agora encontrados,

que as crianças da amostra majoritariamente tinham irmãos.

Quanto às experiências que as crianças tiveram relativas à amamentação, relacionadas com o fato de terem irmãos, e irmãos novos, o que naturalmente favorecia poderem ver e assistir à mamada dos irmãos, apuramos que, nem sempre nas famílias brasileiras são aproveitados todos os momentos para mostrar de forma natural a amamentação às crianças mais pequenas.

Embora seja reconhecido o fato de que amamentar um bebê à frente de crianças mais velhas é a forma mais fácil e mais natural dos jovens aprenderem o que é a amamentação e tomarem-na como algo perfeitamente normal, nem sempre essa oportunidade é aproveitada para promover a amamentação na família, ou ainda o tema amamentação é falado no seio familiar.

O estudo anteriormente desenvolvido no Brasil⁽¹⁰⁾ tinha mostrado que a maioria das crianças estudadas tinha sido exposta à amamentação nos seus próprios domicílios e no estudo realizado com as crianças portuguesas⁽⁶⁾, verificou-se que também foi pequeno o número de crianças que viu e acompanhou a mãe enquanto esta amamentava os irmãos, embora a maioria sabia que os seus irmãos, mesmo os mais velhos, foram amamentados.

Embora o pai não seja o protagonista na amamentação, seu apoio e incentivo e a tomada conjunta da decisão em amamentar habitualmente fazem a diferença entre o sucesso da amamentação e o seu fracasso. Observamos que à semelhança do estudo desenvolvido junto das crianças portuguesas⁽⁶⁾, também foi pequeno o número de crianças que referiram que o pai estava presente quando a mãe amamentava os irmãos. Pesquisa brasileira⁽⁹⁾ verificou que as crianças que estudaram tinham opinião, quase consensual, que a participação do pai é muito importante no processo de amamentação. No entanto, apenas metade achava que a melhor maneira de o pai ajudar na amamentação era apoiando essa prática. A mesma pesquisa⁽⁹⁾ mostra que ao questionar as crianças de ambos os sexos sobre como o pai poderia ajudar na amamentação, a resposta mais comum foi dar mamadeira à criança.

Ainda que uma das recomendações da OMS⁽¹³⁾, que faz parte dos 10 passos para o sucesso da amamentação, seja não oferecer bicos artificiais ou chupetas a crianças amamentadas, o uso de chupeta é uma prática enraizada na cultura brasileira o que foi demonstrado nos resultados da pesquisa pela elevada utilização tanto pelos irmãos como pelas próprias

crianças, embora esteja cientificamente reconhecido que o seu uso constitui fator de influência negativa na manutenção e sucesso da amamentação. Achados semelhantes foram encontrados junto a crianças portuguesas⁽⁶⁾ e na II Pesquisa de Prevalência de Aleitamento Materno nas Capitais Brasileiras e Distrito Federal⁽⁵⁾.

Esses resultados poderão representar influência negativa para a cultura da amamentação, dado que crianças habituadas a usarem e verem os seus irmãos a usarem chupeta poderão tender a repetir este modelo. Estudo desenvolvido junto a crianças brasileiras⁽⁸⁾ verificou que 60% destas, mais tarde, ofereceriam chupeta ao bebê. Todavia na II Pesquisa de Prevalência de Aleitamento Materno nas Capitais Brasileiras e Distrito Federal⁽⁵⁾ foi constatada "(...)redução expressiva do uso de chupeta em menores de 12 meses, de 15,1 pontos percentuais (57,7% - 42,6%), no conjunto das capitais brasileiras e DF no período analisado." Este dado pode refletir bons resultados do esforço de programas pro-aleitamento materno implementados neste país.

Tendo presente que ver regularmente outras mulheres amamentando, especialmente na mesma família ou grupo social, constitui um modo privilegiado das meninas, adolescentes e mulheres jovens desenvolverem atitudes positivas em relação à amamentação, afigura-se que as famílias, conviventes significativos, serviços de saúde e elementos da comunidade das crianças brasileiras têm sido elementos favorecedores da amamentação o que as poderá ajudar a encarar a amamentação como algo natural.

Também autores brasileiros⁽⁸⁻⁹⁾ observaram, respectivamente, que crianças que estudaram "já tinham visto mães a amamentar" e que "são expostas ao ato de amamentar". Estudo⁽¹⁰⁾ mostrou ainda que a maioria dos alunos que participaram da pesquisa foi exposta à amamentação nos seus próprios lares.

A pesquisa realizada junto das crianças portuguesas⁽⁶⁾ também mostrou que grande número de crianças vê familiares e amigas a amamentarem, que quando contatam com os serviços de saúde recebem elementos favorecedores da amamentação e que o modo mais frequente das mães alimentarem os filhos, visto pelas crianças, é "Pela mama e pela mamadeira" e "Pela mama". No entanto, não é frequente estas crianças verem mulheres amamentarem em público.

Embora a política educacional no Brasil⁽¹⁴⁾ considere a escola "(...) como um espaço de relações, um espaço privilegiado para o desenvolvimento crítico e político,

contribuindo na construção de valores pessoais, crenças, conceitos e maneiras de conhecer o mundo e interfere diretamente na produção social da saúde. (...)" observamos que apesar de existir certa preocupação dos professores das crianças brasileiras participantes do estudo em informá-las sobre aleitamento, "(...) muitas oportunidades são perdidas na escola (...)"⁽¹⁵⁾. Nossos resultados são corroborados pelo estudo desenvolvido com crianças portuguesas⁽⁶⁾, que também mostrou não existir na escola qualquer ilustração sobre amamentação e que foi essencialmente o(a) professor(a) que falou a sensivelmente metade das crianças do estudo sobre amamentação antes de terem conhecimento da realização da pesquisa, mas contrários aos referidos pelas crianças do estudo dos autores brasileiros⁽¹⁰⁾, que revelou que apenas 28,9% dos alunos disseram ter recebido informações sobre este assunto nas escolas.

Um aspeto importante a ser destacado é que o nome da enfermeira foi apenas enunciado uma vez e os outros agentes de saúde referidos foram-no também em muito pequeno número. Também este resultado é concordante com os achados da pesquisa realizada em Portugal⁽⁶⁾.

Tendo em conta que o Brasil tem implementado o Programa Saúde na Escola (PSE)⁽¹⁶⁾ e considerando algumas das atribuições comuns a todos os profissionais da Atenção Básica presentes no documento Saúde na Escola⁽¹⁴⁾ somos de opinião que os profissionais de saúde não têm tido uma participação ativa nesta área de promoção da saúde escolar.

Atendendo às campanhas promocionais, políticas governamentais, programas e ações de apoio e incentivo à amamentação que são desenvolvidas no Brasil e difundidas pelos meios de comunicação social, que desempenham um papel importante no processo de entretenimento e de formação das crianças, desde que utilizados em consciência, permitindo-lhes que não fiquem apenas circunscritas ao seu espaço físico e da sua família, os resultados demonstram ainda não ter conseguido abranger todo o universo do estudo e que talvez, a diferença observada nas respostas poderá estar relacionada com o fato das crianças verem com mais frequência televisão do que ouvirem rádio.

Também em Portugal⁽⁶⁾ foi observado que os meios de comunicação social não têm até ao momento sido grandes veículos de promoção da amamentação para as crianças. Somente cerca de metade das crianças do estudo referiram ter visto um programa na televisão e menos de 20,0% ter ouvido um programa no rádio onde se falasse sobre amamentação.

Através do brincar a criança vai desde cedo construindo os seus próprios valores sobre amamentação e inicia a sua preparação para as atividades que serão desenvolvidas mais tarde na vida adulta, por isso, quisemos conhecer que brinquedos utilizam nas suas brincadeiras, se são promotores da amamentação e as suas experiências de amamentação quando brincavam. Os resultados que obtivemos, corroborados pelos do estudo desenvolvido com as crianças portuguesas⁽⁶⁾, mostram que as crianças são expostas a brinquedos que não promovem a amamentação e pelo contrário têm incorporado utensílios que estimulam uma cultura da alimentação artificial.

Também os autores brasileiros⁽⁸⁾ apuraram que, pequena percentagem de crianças oferecia exclusivamente a mama ou a mama e a mamadeira nas brincadeiras com bonecas, sendo habitual alimentar a boneca por meio de mamadeira. Pesquisa⁽⁹⁾ mostrou que menos de metade das alunas e menos de 20,0% dos estudantes do sexo masculino sujeitos do estudo participaram em brincadeiras em que as bonecas eram amamentadas. O estudo realizado com as crianças portuguesas⁽⁶⁾ aponta comportamento similar ao das crianças desta pesquisa pois também elas, não falam sobre amamentação com os colegas ou amigos e quando brincam com as bonecas e ao fingir dar de mamar, fazem-no pela mamadeira.

Considerando os achados do presente estudo relativos as brincadeiras das crianças, referentes ao ato de amamentar, podemos afirmar que os resultados não nos surpreendem, tendo em vista os modelos que a criança tem recebido. Estes dados afiguram-se preocupantes pois, o modo como a criança brinca poderá influenciar a sua decisão futura em termos de amamentação.

Reconhecendo que os pais são os primeiros prestadores de cuidados de saúde aos seus filhos e zeladores pelo seu bem-estar e tendo presente que a primeira escola da criança é a família onde se transmitem normas, valores e se proporcionam experiências que influenciam comportamentos, atitudes, escolhas e futuras tomadas de decisões e sabendo que os pais exercem influência na decisão da mulher de amamentar, bem como na duração da amamentação, seria adequado que mais crianças nas suas próprias casas tivessem momentos em que se falasse sobre amamentação. Porém, tendo em conta o número de crianças que afirmaram saber que foram amamentadas, 1624 (90,2%), e que sabiam que os seus irmãos tinham

sido amamentados, 1289 (85,0%), podemos pensar que este valor talvez seja mais elevado. Um aspecto importante a realçar consiste no fato de no Brasil ainda se verificar tão notória influência de outros elementos da família alargada, para além dos da família nuclear, na educação dos filhos.

Também o estudo realizado em Portugal⁽⁶⁾ mostrou que somente sensivelmente metade das crianças participantes referiram que em casa lhes falaram de amamentação, sendo essa informação predominantemente recebida da mãe.

Conhecer como as crianças definiam amamentar e que leite consideravam ser o melhor para os bebês foi preocupação deste estudo. Apuramos contudo que elevado número associava a amamentação à administração de leite. A maioria das crianças relacionavam a amamentação apenas com o seu aspecto nutricional e não tanto com a parte relacional e vinculativa.

Embora tenha sido elevado o número de crianças que opinaram que o melhor leite para o bebê é o da mãe verificamos que esta informação não fazia parte do universo de conhecimentos de todas as crianças do estudo. Nossos resultados são corroborados pelas pesquisas desenvolvidas junto das crianças brasileiras⁽⁸⁾ e portuguesas⁽⁶⁾.

A atitude e os valores sobre amamentação formam-se desde cedo e parecem influenciar os comportamentos futuros. À semelhança dos estudos anteriores^(6,8-10) também as crianças que participaram do estudo gostariam de mais tarde amamentar. Contrariamente ao que os autores^(6,8-10) encontraram, as crianças deste estudo não teriam vergonha de amamentar em público, No entanto, tendo em conta as suas experiências prévias de amamentação, foi possível apurar que sensivelmente metade (46,4%) mencionou que não gosta de passar na rua e ver uma senhora amamentar surpreendeu-nos. Este resultado é corroborado pelo estudo português⁽⁶⁾.

Quisemos saber o que a criança pensava sobre as mães amamentarem os seus filhos(as) e verificou-se que elevado número considerou-a ser bom e melhor para o bebê. Houve ainda crianças que tiveram opinião sobre dar de mamar para além dos aspectos apresentados verificando-se que se centraram sobretudo nos ganhos em saúde para a criança e nos (pré)conceitos associados à deformação que a amamentação pode provocar à mama da mulher. As crianças têm conhecimento das vantagens da amamentação apenas para a saúde da criança não se verificando o mesmo para a saúde das

mães. Anteriormente tinha-se chegado aos mesmos resultados^(6,10).

Embora observamos que grande número de meninos(as) considera que o leite materno é o melhor alimento para o bebê, existem já nestas idades presentes falsos conceitos nos seus conhecimentos e grande desconhecimento sobre outras vantagens da amamentação. Chama a atenção nos dados da pesquisa que nenhuma criança foca vantagens da amamentação para o ambiente, para a sociedade, e que são poucas as que referem as vantagens da amamentação para a mãe.

CONCLUSÕES

Com o propósito de contribuir de forma sustentada na evidência científica para um regresso à cultura do aleitamento materno, despertar para a necessidade de implementação de medidas promotoras da amamentação desde a infância e contribuir para a proteção, promoção e suporte da amamentação, considerando-a uma prioridade de saúde pública, iniciamos e levamos a cabo esta investigação.

Os resultados revelaram que, embora grande percentagem de crianças soubesse ter sido amamentada, nem sempre nas famílias brasileiras são aproveitados todos os momentos para mostrar de forma natural a amamentação às crianças e o uso de chupeta é uma

prática enraizada na cultura brasileira. Verificou-se também que os brinquedos com que brincam têm incorporado utensílios que estimulam a alimentação artificial o que é reproduzido nas suas brincadeiras e não gostam de passar na rua e ver uma senhora a amamentar. Nem todas as crianças sabem que o leite materno é o melhor alimento para o bebê, têm presentes falsos conceitos nos seus conhecimentos e grande desconhecimento sobre vantagens da amamentação.

Entendendo que a amamentação, embora possua um componente biológico, não é um ato puramente instintivo, pois sofre influências sociais, culturais, econômicas em que a construção dos valores do leite materno se iniciam desde cedo na infância por meio, tanto das brincadeiras como das atitudes e das ações transmitidas à criança, pelos adultos que a rodeiam, é imperioso chamar à atenção das famílias para que incutam nas suas crianças valores favoráveis ao aleitamento materno. É necessário também que se desenvolvam políticas nacionais junto dos fabricantes e distribuidores de brinquedos para a importância da não inclusão de utensílios propiciadores de uma alimentação artificial. E ainda sensibilizar os profissionais de saúde e professores, escritores e ilustradores de histórias e livros infantis para a inclusão desta temática nos conteúdos programáticos e livros escolares.

REFERÊNCIAS

- Galvão DMPG. Amamentação Bem Sucedida: Alguns Factores Determinantes. Loures: Lusociência; 2006.
- Levy L. A alimentação no primeiro ano de vida. Rev. port. pediatr. pueric. 1994;25(3):191-211.
- Paula AO, Sartori AL, Martins CA. Aleitamento materno: orientações, conhecimento e participação do pai nesse processo. Rev. Eletr. Enf. [Internet]. 2010 [cited 2011 set 30];12(3):464-70. Available from: <http://www.fen.ufg.br/revista/v12/n3/v12n3a07.htm>.
- REDE Interagencial de Informação para a Saúde. Indicadores básicos para a saúde no Brasil: conceitos e aplicações [Internet]. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde; 2002 [cited 2011 set 30]. Available from: <http://www.opas.org.br/sistema/arquivos/matriz.pdf>.
- Secretaria de Atenção à Saúde, Ministério da Saúde. II Pesquisa de Prevalência de Aleitamento Materno nas Capitais Brasileiras e Distrito Federal [Internet]. Brasília: Editora do Ministério da Saúde; 2009 [cited 2011 set 30]. Available from: http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pesquisa_prevalencia_aleitamento_materno.pdf.
- Galvão DMPG, Silva IA. Vivências de amamentação da criança portuguesa em idade escolar. Rev Esc Enferm USP. 45(5). Forthcoming 2011.
- Secretaria de Educação Básica, Ministério da Educação. Ensino fundamental de nove anos: passo a passo do processo de implantação. Brasília: Ministério da Educação; 2009. [cited 2011 set 30]. Available from: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/passo_a_passo_versao_atual_16_setembro.pdf.
- Nakamura SS, Veiga KF, Ferrarese SRB, Martinez FE. Percepção e conhecimento de meninas escolares sobre o

- aleitamento materno. J Pediatr (Rio J). 2003 [cited 2011 set 30];79(2):181-8. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/jped/v79n2/v79n2a14.pdf>.
- Bottaro SM, Giugliani ERJ. Estudo exploratório sobre aleitamento materno entre escolares de quinta série do Ensino Fundamental. Cad Saude Publica. 2008 [cited 2011 set 30];24(7):1599-608. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v24n7/15.pdf>.
- Fujimori M, Morais TC, França EL, Toledo OR, Honório-França AC. Percepção de estudantes do ensino fundamental quanto ao aleitamento materno e a influência da realização de palestras de educação em saúde. J Pediatr (Rio J). 2008 [cited 2011 set 30];84(3):224-31. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/jped/v84n3/v84n3a07.pdf>.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Indicadores Sociodemográficos e de Saúde no Brasil. Estudos & Pesquisas [Internet]. 2009 [cited 2011 set 30];(25). Available from: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/indic_sociais_aude/2009/indicosaude.pdf.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Os resultados finais de uma megaoperação. Vou te contar. Revista do Censo 2000 [Internet]. 2000 [cited 2011 set 30];(9):6-10. Available from: <http://www.ibge.gov.br/censo/revista9.pdf>.
- Organização Mundial da Saúde. Proteção, promoção e apoio ao aleitamento materno: o papel especial dos serviços materno-infantis. Genebra: Organização Mundial da Saúde; 1989.
- Secretaria de Atenção à Saúde, Ministério da Saúde. Saúde na escola. Brasília: Ministério da Saúde; 2009. http://dab.saude.gov.br/docs/publicacoes/cadernos_ab/abcdad24.pdf.
- Costa MMSM, Silva LR. Programas de incentivo ao aleitamento materno. Incentivo ao aleitamento materno para crianças em idade escolar. In: Issler H, editors. O aleitamento

materno no contexto atual: políticas, prática e bases científicas. São Paulo: Sarvier; 2008. p. 121-129.

16. Decreto nº6.286, de 5 de Dezembro de 2007. Institui o Programa Saúde na Escola - PSE, e dá outras providências. Diário Oficial da União (Brasília). 2007 Dez 06.

Artigo recebido em 20.01.2011.

Aprovado para publicação em 23.09.2011.

Artigo publicado em 30.09.2011.